

O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA: *algumas notas*

José Erimar dos Santos

zerieval@yahoo.com.br

Mestrado em Geografia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Valmaria Lemos da Costa Santos

nalla_zeri@yahoo.com.br

Graduanda do Curso de Pedagogia

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

RESUMO

Objetiva-se discutir o ensino de Geografia nesse período técnico-científico-informacional, levando em consideração as novas conjunturas que se apresentam no espaço-tempo atual e apontando alguns desafios e perspectivas necessários para se ensinar Geografia na sociedade vigente. Para tanto, fez-se uma análise, dentre outros, de Santos (1999; 2004; 2009a), Haidt (2001), Freire (2000), Soares (2006), Oliveira (2003), Callai (2001) e de Libâneo (2003), além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998a; 1998b), aportes teórico-metodológicos essenciais na relação aqui discutida. O período técnico-científico-informacional traz diversas mudanças que afetam o ensino de geografia, em que o professor precisa tomar para si alguns desafios e perspectivas, pertinentes ao seu arcabouço teórico-metodológico, sua formação e docência, atentando-se para a realidade vigente e de outrora. Assim, é de fundamental importância se pensar o ensino de Geografia nesse contexto de rápidas e intensas transformações da estrutura socioespacial, levando-se em conta as possibilidades que o meio oferece para lidar melhor com o processo de ensino/aprendizagem nesse contexto.

Palavras-chave: Geografia; Ensino; Período Técnico-científico-informacional.

PERIOD TECHNICAL-SCIENTIFIC-INFORMATIONAL AND THE TEACHING OF GEOGRAPHY: *some notes*

ABSTRACT

It aims to discuss the teaching of Geography in this period technical-scientific-informational, taking into account the new situations that present themselves in space-time and pointing out some current challenges and perspectives needed to teach Geography in current society. As such, there is an analysis, among others, Santos (1999, 2004, 2009a), Haidt (2001), Freire (2000), Soares (2006), Oliveira (2003), Callai (2001) and Libâneo (2003), in addition to Parâmetros Curriculares Nacionais (1998a; 1998b), theoretical-methodological essential in the relationship discussed here. The period technical-scientific-informational brings several changes that affect the teaching of Geography, the teacher needs to take him some challenges and perspectives relevant to their theoretical and methodological training and their teaching, paying attention to current reality and old. It is therefore of fundamental importance to think about the teaching of geography in this context of rapid and intense changes in sociospatial structure, taking into account the possibilities offered by the environment to cope better with the teaching and learning in this context.

Keys words: Geography; Teaching; Period Technical-scientific-informational

INTRODUÇÃO

Pensar sobre o ensino de Geografia, sobretudo no Brasil, é uma tarefa complexa, tanto quanto necessária, sobretudo na sociedade do presente, dada sua complexidade e tramas que

Recebido em 24/05/2011

Aprovado para publicação em 09/08/2011

envolvem o sistema educacional brasileiro e suas políticas educacionais, em que se percebe a educação passando por metamorfoses, visíveis no ambiente escolar e no fazer pedagógico, além de se perceber a família, a escola e a educação ganhando novos sentidos e atributos. A escola e o ensino fazem parte da sociedade e, portanto, do espaço, sendo dessa forma, ao serem discutidos, necessário se relacionar e/ou situar-los no âmbito conjuntural socioespacial.

Não é intenção neste trabalho, portanto abarcar essa complexidade como um todo, mas trazer alguns pontos que considera-se importantes em relação ao ensino da Ciência Geográfica na sociedade espaço-temporal do presente. Nesse sentido, longe de ser uma construção pronta e definida, este artigo não dispensa as críticas e contribuições que venham reduzir-lhes imperfeições, diante das complexas implicações que lhes são pertinentes.

Refletir sobre o ensino de geografia no atual período é oportuno e necessário, pois conforme já observou Callai (2001, p. 134): “o mundo tem mudado rapidamente e com ele devem mudar também a escola e o ensino que nela se faz”. O período que ora se vive e que iniciou-se aproximadamente no pós-Segunda Guerra Mundial (SANTOS 2009a), trouxe mudanças profundas ao campo teórico e prático da Geografia, com destaque aqui para algumas daquelas sofridas pelo campo do ensino dessa ciência, pois é notório que os conceitos-chave que dão sustentação ao ensino dessa ciência, (os conceitos de Espaço, Região, Território, Lugar e Paisagem) saíram do campo das camuflagens muitas vezes propostas em livros didáticos e chegaram até às salas de aulas, como um recurso do saber fazer geográfico para que o ensino não caia num sistema de memorização, como, aliás, ainda ocorre em algumas escolas com o ensino de Geografia.

Partindo desses pressupostos, pretende-se refletir sobre o ensino de geografia na perspectiva do período técnico-científico-informacional, levando-se em consideração as novas conjunturas que se apresentam neste espaço-tempo do espaço geográfico, apontando ainda para a necessidade de desafios e perspectivas pertinentes ao se ensinar geografia, atualmente.

Dessa forma, almeja-se ainda instigar debates e reflexões acerca dessa problemática, no sentido de se desenvolver ideias que se configurem em caminhos e/ou possibilidades no âmbito do pensar o ensino geográfico dentro desse contexto.

As novas conjunturas, ou seja, os acontecimentos e circunstâncias do espaço-tempo atual, materializadas no período técnico-científico-informacional, cuja materialidade se faz perceber no próprio espaço, marcado pela presença cada vez mais intensa da ciência, da técnica e da informação, em que a concretude é o próprio meio permeado e configurado por objetos técnicos, científicos e informacionais é uma realidade e, portanto um fato já constatado por Milton Santos (1998; 2009a).

Nessa conjuntura, merece destaque aquela que atua de forma a provocar alterações, sobretudo nas práticas culturais, ou seja, a informática que, numa tentativa de unificar as diversas culturas existentes em um mundo cada dia mais globalizado, mas que independentemente da localização geográfica vista do ponto de vista escalar (local, regional, nacional e internacional), influencia nos processos de difusão da informação.

Não obstante tais avanços tecnológicos cujo ambiente escolar hoje é permeado, também provocam fragmentação, acarretando a diferenciação entre os lugares do espaço geográfico e culturas, em vez de torná-los iguais como prega e almeja o discurso em curso.

Tal realidade é fruto da evolução das técnicas. As técnicas, assim como as sociedades, passaram e continuam passando por significativo processo de evolução. Por intermédio dessa evolução no tempo e no espaço, a sociedade foi construindo uma nova realidade espaço temporal dos diferentes usos que faz do espaço. Assim, no dizer de Santos e Silveira (2002, p. 31), a construção dessa conjuntura que se formou e se forma:

São as lógicas e os tempos humanos impondo-se à natureza, situações em que as possibilidades técnicas presentes denotam os conflitos resultantes da emergência de sucessivos meios geográficos, todos incompletamente realizados, todos incompletamente difundidos.

Para os referidos autores, a periodização da evolução da técnica divide-se em três períodos distintos, o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. Para tanto, expressa-se seguindo as contribuições e/ou referências do prof. Milton Santos (1998; 1999; 2004; 2009a), que embora não nos tenha legado diretamente sobre ensino de geografia, mas que pela sua importância para essa ciência, tanto do ponto de vista teórico como metodológico, ninguém melhor do que o mesmo, para a partir de algumas de suas ideias, balizar nossas reflexões na intenção pretendida.

As discussões serão feitas com base em evidências teóricas, construídas em leituras pautadas em muito cuidado e agudeza de reflexão e percepção, além de experiências vivenciadas em salas de aula de ensino médio, tecendo, concomitantemente, alguns comentários sobre a importância de se pensar o ensino da geografia no contexto de transformações na estrutura socioespacial do presente. Ainda utiliza-se como base para essa discussão, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998a; 1998b), o trabalho de Haidt (2001), Soares (2006), Oliveira (2003), Libâneo (2003), Callai (2001), Freire (2000), dentre outros, no sentido de, juntamente com o primeiro autor citado no parágrafo anterior, construir-se uma base teórica, metodológica e conceitual que aportasse a discussão e análise.

Desta feita, seguem-se alguns resultados e discussões, em que primeiramente se discute sobre a relação ensino de Geografia e período técnico-científico-informacional, apontando-se em seguida para essa necessidade no contexto do ensino; por fim, apresentam-se alguns desafios e perspectivas como notas conclusivas.

O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Discutir sobre o atual período do espaço geográfico e o ensino de geografia é antes de tudo se pensar a prática docente numa perspectiva crítica e reflexiva. Assim, é imprescindível se conhecer um pouco mais sobre: espaço escolar, ensino de Geografia e o período técnico-científico-informacional.

É notória, nos espaços escolares atuais, a presença de objetos e ações com novos significados. A presença cada vez mais intensa de objetos técnicos e científicos nos espaços escolares impõe novas maneiras de pensar e ensinar a construção do conhecimento, uma vez que é preciso construir sujeitos pensantes e racionais, frente à imperiosidade do Mercado. Fazendo uma relação com o período moderno e o tempo atual, Soares (2006, p. 331) afirma que:

No discurso da modernidade, a escola ficava situada no centro das ideias de justiça, igualdade e distribuição de saberes, para a criação de um sujeito racional, autônomo e livre – a escola é a construtora da cidadania. No entanto, a modernidade não realizou essa ideia de cidadania livre e individualidade autônoma, pois a alienação, anomia, burocratização, exploração e exclusão, entre outros fenômenos sociais, estão singularizando este nosso tempo.

Atualmente, é comum nas escolas um desinteresse pela geografia ensinada. Parece haver uma insatisfação tanto do aluno quanto do professor em relação à geografia ensinada. Por que isso acontece? Entende-se que isso é decorrência de vários fatores, mas que se resume a esse contexto do espaço geográfico atual, mais precisamente no que compete a uma parcela desse período, já materializada, que foi a política autoritária dentre os anos de 1964 a 1985.

Assim, de acordo com Oliveira (2003, p.137) essa realidade reflete “um quadro herdado particularmente do período extremamente autoritário em que o país viveu [...]”, período esse da ditadura militar, marcado no campo educacional pela desvalorização do ensino de História e Geografia, bem como ainda também pela precarização na formação do profissional da educação, decorrente também do avanço técnico, científico e informacional que o país passou a vivenciar com as políticas cegas do desenvolvimento a qualquer custo, implantadas no país no cenário pós-Segunda Guerra Mundial.

Desde então, passamos para um contexto de precarização educacional, de uma forma geral, que ainda se apresenta nas escolas brasileiras, sendo palco de estudos e debates por parte de diversos profissionais dessa área.

Com relação ao ensino na atualidade, o professor Milton Santos (1999, n. p.)², já alertou para uma realidade. Dizia ele que,

Corremos o risco de ver o ensino reduzido a um simples processo de treinamento, a uma instrumentalização das pessoas, a um aprendizado que se exaure precocemente ao sabor das mudanças rápidas e brutais das formas técnicas e organizacionais do trabalho exigidas por uma implacável competitividade.

Como se percebe, há uma complexidade que a sociedade do presente vive com relação ao ensino e que muitas vezes deixa passar despercebida, fruto desse contexto de rápidas mudanças nas técnicas de produção e de organização do trabalho, cuja marca é a competitividade extrema (SANTOS, 2004).

O professor Milton Santos³, ao longo de sua vasta obra que tem no cerne questões teórico-metodológicas e a luta por uma sociedade mais equitativa do ponto de vista da distribuição dos recursos técnicos, fala de três períodos técnicos: um **período natural**, um **período técnico** e um **período técnico-científico-informacional** que configura meios geográficos, equivalentes.

Esse primeiro período constituiu um meio onde “o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais [...]” (SANTOS, 2009a, p. 235).

O homem nesse período usava o meio natural sem causar-lhe grandes modificações/transformações, ao contrário do que ocorre hoje onde o intenso progresso pautado no modelo econômico predatório é a grande marca, pois o aparato técnico existente bem como a forma como exercia o trabalho se “casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação”.

Milton Santos não considerou satisfeita a definição pré-técnica no sentido de que as transformações que eram impostas às coisas naturais já se constituíam em técnicas, como por exemplo, a domesticação de plantas e animais, que vão se dá, sobretudo a partir da fase histórica conhecida como neolítico, pois o homem com isso muda a Natureza, impondo-lhe leis e normas. Nesse sentido, o referido autor afirmou que “a isso também se chama técnica⁴” (SANTOS, 2009a, p. 235).

O segundo período se caracterizou pela mecanização do espaço, pois “os objetos que formam o meio não são, apenas, objetos culturais; eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo” (SANTOS, 2009a, p. 236). O espaço passou a ser agora, no sentido material, formado por objetos materiais e objetos técnicos de forma a distinguir-se, o que vai configura espaços distintos entre si e a classificar-se a partir desses componentes. Isso implica perceber, ainda conforme esse autor, que “as áreas, os espaços, as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais, por objetos técnicos”.

O sistema de ações que vão se configurar doravante vai ser superior, justificado pela crença racionalista que ao homem atribuem novos poderes sobre o natural, conforme Spósito (2003), Ribeiro (2003) e Gonçalves, (1998).

Pode-se dizer ainda, que nesse período, a divisão internacional do trabalho vai se configurar com mais intensidade e juntamente com ela as problemáticas econômicas e socioambientais, pois

² Artigo publicado na Folha de São Paulo, Mais!, em 24/01/1999. Extraído do site: <http://geocities.ws/madsonpardo/ms/foalha/msf01.html> em 31 de dezembro de 2009. Pela forma como se encontra no site não dá pra saber qual é a página da citação.

³ Milton Santos é considerado pela maioria dos geógrafos brasileiros o mais importante geógrafo dessa nacionalidade. Geógrafo e livre pensador brasileiro, dizia ele que a maior coragem, nos dias atuais, é pensar. Doutor honoris causa em vários países foi o único brasileiro a receber um “prêmio Nobel”, o *Vautrin Lud*, em 1994, que é como um Nobel de Geografia; professor em diversos países (em função do exílio político causado pela Ditadura Militar de 1964), foi autor de cerca de 40 livros. Mais informações sobre a biografia do Professor Milton Santos, consultar, dentre outras fontes o site: http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Educacao/MiltonSantos.htm. Acesso em 31 de dezembro de 2009, que trata da biografia resumida do referido professor.

⁴ Conforme Santos (2009a, p. 29) “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Pode-se acrescentar ainda que as técnicas, segundo esse autor “funcionam como sistemas que marcam as diversas épocas”, devendo ser “examinadas através de sua própria história e vistas não apenas no seu aspecto material, mas também nos seus aspectos imateriais” (SANTOS, 2009a, p. 24).

O componente internacional da divisão do trabalho tende a aumentar exponencialmente. Assim, as motivações de uso dos sistemas técnicos são crescentemente estranhas às lógicas locais e, mesmo, nacionais; e a importância da troca na sobrevivência do grupo também cresce. Como o êxito, nesse processo de comércio, depende, em grande parte, da presença de sistemas técnicos eficazes, estes acabam por ser cada vez mais presentes. A razão do comércio, e não a razão da natureza, é que preside à sua instalação. Em outras palavras, sua presença torna-se crescentemente indiferente às condições preexistentes. A poluição e outras ofensas ambientais ainda não tinham esse nome, mas já são largamente notadas — e causticadas — no século XIX, nas grandes cidades inglesas e continentais. E a própria chegada ao campo das estradas de ferro suscita protesto. A reação antimaquinista, protagonizada pelos diversos ludismos, antecipa a batalha atual dos ambientalistas. (SANTOS, 2009a, p. 237).

O período técnico-científico-informacional começa praticamente após a Segunda Guerra Mundial, porém se dando de fato nos anos 1970. É o período em que vivemos, caracterizado, o meio produzido por configurado, pela indissociabilidade e presença cada vez mais intensa da técnica, da ciência e da informação, como componente dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações que formam o espaço geográfico (SANTOS, 2009a); (SANTOS; SILVEIRA, 2002).

A componente informação é quem vai ser, nesse período “o grande regedor das ações definidoras das novas realidades espaciais” (SANTOS, 1998, p. 93), dando ao meio e aos seus objetos uma organização típica desse processo, tornando esse meio um território com a ação direta ou indireta da ciência, da tecnologia e da informação.

É um fenômeno decorrente e conseqüência da implementação, no substrato econômico e socioespacial, de novos sistemas de objetos e sistemas de ações⁵ pautados na técnica, na ciência e na informação. Em outras palavras, é o período de **novas redes técnicas**, que permitem a circulação de ideias, mensagens, pessoas e mercadorias num ritmo acelerado, e que acabaram por criar a interconexão entre os lugares de maneira sincrônica, muito embora se dando essa instalação desses aparatos técnicos, científicos e informacionais, nos espaços, de forma diacrônica, pois “os processos espaços-temporais não são homogêneos, nem tampouco homogeneizam [...]” (CASTRO, 2008, p. 320) todos os territórios ao mesmo tempo.

Com efeito, isso faz com o meio geográfico atual se apresente com novos comportamentos e com novas necessidades. Nesse sentido, Milton Santos nos lembra que,

O meio geográfico atual, graças ao seu conteúdo em técnica e ciência [e informação], condiciona os **novos comportamentos humanos**, e estes, por sua vez, aceleram a **necessidade** da utilização de recursos técnicos, que constituem a base operacional de novos automatismos sociais (SANTOS, 2009a. p. 172. Grifos nossos).

De uma forma sintética, pode-se expressar esses períodos em um quadro com suas principais características (**Quadro 1**).

A importância de se atentar para este último contexto (período) é de extrema necessidade, sobretudo por dois motivos relevantes. Em primeiro lugar, porque o período técnico-científico-informacional sugere reinterpretações e nesse caso, sobre o ensinar Geografia, principalmente diante da questão ecológica que aí se encontra, dos novos elementos da paisagem urbana e rural, da presença e do papel que a informação desempenha na (re)qualificação, (re)organização do espaço geográfico e dos lares sociais, bem como ainda do papel do Estado face a todo esse processo. Em segundo lugar, por possibilitar o questionamento da ideia de fim do Estado e do território, como prega a atual fase do capitalismo, chamada por alguns de globalização, por outros de mundialização e, perceber-se que os processos causados nos espaços são fruto da nova lógica e dinâmica do capital que aí está atuando, agora em escala global, instigando os profissionais dessa ciência a olhar com outros olhos, isto é, outras

⁵ “O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes. Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos. Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma” (SANTOS, 2009a, p. 63).

metodologias⁶, as ferramentas científicas geográficas⁷ que dispomos para produzir e ensinar o conhecimento geográfico.

Quadro 1 – Os Períodos E Meios Técnicos Do Espaço Geográfico Segundo A Perspectiva Do Geógrafo Milton Santos

PERÍODO	MEIO GEOGRÁFICO	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Período Natural	Meio Natural	<ul style="list-style-type: none">➤ A sociedade humana adapta-se aos sistemas naturais;➤ A técnica é considerada escassa;➤ Espaço geográfico pouco modificado.
Período Técnico	Meio Técnico	<ul style="list-style-type: none">➤ Inovações técnicas;➤ Espaço geográfico caracterizado por áreas mecanizadas;➤ Transformações/modificações espaciais significativas.
Período Técnico-científico-informacional	Meio Técnico-científico-informacional	<ul style="list-style-type: none">➤ Interações profundas entre a ciência, a técnica e a informação;➤ Os setores que se ligam à informação são os que mais evoluem;➤ Os circuitos espaciais da produção, isto é, as “diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final” (SANTOS, 1988, p. 49), são agora mundializados;➤ Expansão do consumo seguida de forte ideologia;➤ Ideologia do crescimento econômico, do planejamento;➤ Ideologia do sistema político, educacional, administrativo, científico etc.

Fonte: Elaborado com base em informações de Santos e Silveira (2002) e Santos (1998; 2006a).

3 NECESSIDADE DE SE PENSAR O ENSINO DE GEOGRAFIA NO PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

Apresentam-se aqui alguns fatores que são inerentes ao período técnico-científico-informacional, e, que de certa forma estão relacionados com o ensino e a aprendizagem da Ciência Geográfica. Dentro desse contexto, é fundamental a pesquisadores e professores se dedicarem a análise de conhecimentos e descobertas, atentando-se para as novas conjunturas do espaço-tempo atual, ou seja, para os acontecimentos e/ou circunstâncias do atual momento do espaço, com especial olhar para os objetivos políticos, econômicos e sociais, considerando ainda as relações que se dão em diferentes escalas: local, regional, nacional e internacional, produzidas sobremaneira por esses segmentos estruturais do espaço. Nesse sentido, é preciso

⁶ “Vemos a realidade através da óptica de nossa ideologia, de nossa metodologia, de nossa visão global do mundo. Por isso, a mesma realidade pode prestar-se a diferentes interpretações” (SANTOS, 2009b).

⁷ Concebe-se como ferramentas científicas geográficas os conceitos-chave concebidos pela Geografia, quais sejam: Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar.

observar sempre o que acontece no espaço geográfico, ou seja, para os acontecimentos, atores e relações de força entre si; se são de cooperação essas forças; se são de coexistência ou de confronto; cenários e outros.

Isso é importante uma vez que “para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos” (SANTOS, 1998, p. 121). Nesse sentido, é preciso atentar-se para a realidade espacial do momento.

Diante da consciência do período técnico-científico-informacional percebe-se que as expectativas para o século XXI, que eram anunciadas pelos meios de comunicação em massa enquanto o século das soluções para todas as grandes problemáticas da humanidade passaram, em grande parte, para uma realidade marcada por frustração e desilusão. Percebe-se que milhões de pessoas encontram-se abaixo da linha da pobreza em todo o mundo; milhões de crianças com menos de cinco anos de idade morrem, todos os anos; o modelo de desenvolvimento que aí está e na forma como vem se dando ameaça, em última instância, a própria possibilidade de existência do ser humano em um futuro não muito distante.

Concomitantemente atrelam-se problemáticas socioambientais, como o aquecimento global e o aumento da desigualdade e da fome, em que uma realidade chama a atenção: as escassas e fracas alternativas concebidas e implementadas pelos agentes de dominação dos territórios, no sentido de buscarem solucionar esses problemas.

Esse contexto e, portanto, realidade, impõe reflexão e maneira de pensar a sociedade e o espaço. Em um espaço geográfico cada vez mais complexificado, principalmente pelas ciências e técnicas (sistema técnico) da informação, este espaço passa, também, a ser confusamente percebido, devido aos obstáculos e armadilhas impostas ao entendimento a respeito da desumana lógica funcional do sistema capitalista e da sua nova aparência que se impõe sobre os lugares (SANTOS, 2004).

Diante disso, como permitir que o aluno interprete o significado da sociedade técnica, científica e informacional que se vive hoje?

A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), (Brasil, 1998a, p. 95) assim se expressa: “Como formar alunos capazes de decidir sobre tudo que os afeta é então o desafio da Geografia no mundo atual”. É preciso que se conceba e se tenha o ensinar Geografia e/ou construção do conhecimento geográfico como uma ação que deve partir, antes de qualquer coisa, de um corpo conceitual e metodológico. Essa tarefa pressupõe o que e como ensinar.

Nisso surge os **conceitos-chave: Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar** como esse corpo teórico-metodológico ou possibilidade inicial para se pensar a realidade em que vivemos do ponto de vista da Geografia. De acordo com Bernardes (2006, p. 243) “os conceitos significam que o todo se decompõe para permitir compreender a própria estrutura do todo”. Em outras palavras, pode-se dizer conforme Brasil (1998b, p. 32) que a Ciência Geográfica usa os

[...] conceitos-chave, como instrumentos capazes de realizar uma análise científica do espaço. Com eles procuramos dar conta de um mundo cada vez mais ‘*acelerado e fluido*’ e, por isso, mais denso e complexo. Eles permitem apreender o espaço nas suas formas de organização, validar o que foi herdado do passado e atender às novas necessidades. Tal arsenal teórico abre campo para a análise e a construção de concepções de mundo, que o compreendam de forma globalizante e como resultado da dinâmica de transformação das sociedades.

Conceitos esses, hoje diante das mudanças rápidas na estrutura socioespacial, apresentando-se, sobretudo nos livros didáticos e nas explicações de professores aos alunos, de forma decorativa e sem nexos com a realidade. É preciso, pois que diante dos processos de transformações que a educação passou a sofrer com o período técnico-científico-informacional, a escola e o ensino atente-se para isso. Atualmente, nesse período técnico-científico-informacional, pode-se deixar de estar-se formando realmente cidadãos e sim “deficientes cívicos”, rompendo-se o equilíbrio que poderia ser a formação para a vida plena, pautada na busca do saber filosófico, numa formação para o trabalho e numa busca pelo o saber prático (SANTOS 1999). Nesse sentido,

Hoje, sob o pretexto de que é preciso formar os estudantes para obter um lugar num mercado de trabalho afunilado, o saber prático tende a ocupar todo o espaço da escola, enquanto o saber filosófico é considerado como residual ou mesmo desnecessário, uma prática que, a médio prazo, ameaça a democracia, a República, a cidadania e a individualidade. Corremos o risco de ver o ensino reduzido a um simples processo de treinamento, a uma instrumentalização das pessoas, a um aprendizado que se exaure precocemente ao sabor das mudanças rápidas e brutais das formas técnicas e organizacionais do trabalho exigidas por uma implacável competitividade (SANTOS, 1999, n. p.)⁸.

A concepção de que a escola é o campo de formar cidadãos é ainda mais clara quando se percebe o que Pierre Monbeig, muito antes de Santos, já havia frisado: “Não se concebe o ensino, a que compete preparar os homens, não seja igualmente uma escola de cidadãos” (MONBEIG, 1957, p. 12). Diante dessa realidade que é o espaço geográfico hoje, percebemos que essa pretensão de Monbeig parece ter sido sucumbida pelas transformações vivenciadas pelo campo educacional brasileiro, mediante suas políticas educacionais, pois formar profissionais aptos ao mercado de trabalho vale mais do que formar e/ou construir cidadãos.

A escola dentro desse contexto segue o ritmo que lhe foi e é característico em nosso país: acompanhar os processos políticos e econômicos, em detrimento de uma comprometida qualidade educacional para com todos os brasileiros (FREITAG, 1980). Conforme Libâneo (2003, p. 53) a escola nos dias atuais precisa “formar indivíduos capazes de pensar e de aprender permanentemente (capacitação permanente) e [...] promover [...] atitudes e disposições para a vida numa sociedade técnico-informacional; [...]”.

Essa sociedade técnico-informacional apresentada por Libâneo é a sociedade denominada técnica, científica e informacional que nos apresentou Milton Santos. A reorganização do capitalismo mundial e/ou globalizado, para a globalização⁹ econômica, bem como o discurso do neoliberalismo e das mudanças técnico-científico-informacionais “trouxeram novas exigências, novas agendas, novas ações e novo discurso ao setor educacional, sobretudo a partir da década de 1980”, (LIBÂNEO, 2003, p. 96), pondo em crise o modelo societário capitalista-liberal estatizante e democrático-igualitarista que direcionou o projeto de modernização a partir da Segunda Guerra Mundial (HOBSBAWM, 1995).

Sendo assim, a tarefa de compreender o espaço a partir dessas perspectivas exige, dentre diversas outras possibilidades, compreender a impossibilidade de apreender a realidade econômica e socioespacial sem o uso dos conceitos-chave dentro da realidade a qual vivemos. Ou seja, cabe ao profissional professor de Geografia articular objetivos determinados, bem como conteúdos e métodos que levem à construção de conhecimento por parte do aluno, a partir de repensar os conceitos científicos que essa ciência usa-os para estudar o espaço geográfico. Partindo desta premissa, deve-se compreender que os fenômenos/processos e/ou dinâmicas que se apresentam no espaço constituem-se em uma realidade que só poderá ser compreendida e ensinada, enquanto conhecimento geográfico, se for pautada neste aporte teórico-metodológico¹⁰.

O período/sistema técnico-científico-informacional muito embora tenha criado uma nova e moderna visão do mundo instigadas pelos aparatos técnicos-informacionais e, ainda, culturais presentes no mundo vivido dos cidadãos, não conseguiu evitar, na condição de paradigma capitalista de produção que o é, as imensas desigualdades sociais, seguidas das diversidades e fragmentações locais, nacionais e regionais que hoje configuram, (re)produz, (re)organiza o espaço geográfico.

Um fato triste é o discurso homogêneo estabelecido pelo sistema perverso já enfatizado (o sistema capitalista). Este discurso é pautado na seguinte realidade: as mudanças no sistema

⁸ Artigo publicado na Folha de São Paulo, Mais!, em 24/01/1999. Extraído do site: <http://geocities.ws/madsonpardo/ms/folha/msf01.html> em 31 de dezembro de 2009. Pela forma como se encontra no site não dá pra saber qual é a página da citação.

⁹ “A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em ‘sistema-mundo’ de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos” (SANTOS, 1998, p. 48).

¹⁰ Não se deve esquecer também que “[...] a tarefa de intervenção no ensino escolar é basicamente do professor e consiste em dirigir, orientar, no planejamento, na realização das aulas e das atividades extra-escolares e na avaliação, o processo de conhecimento do aluno com base em determinados propósitos, em conteúdos específicos e em modos adequados para conseguir os propósitos definidos” (CAVALCANTI, 1998, p. 138).

de ensino não somente da Geografia, mas no ensino de um modo geral são um conjunto de reformas que são atualmente implementadas pelos governos, portanto de cima para baixo, que buscam enquadrar o nosso sistema de ensino na nova lógica global, atendendo essas mudanças ao mercado. Os Parâmetros Curriculares propostos pelos projetos nacionais são o exemplo mais significativo desse fato, conforme nos mostra Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007).

Além disso, o próprio sentido de sociedade técnica-científica-informacional sugere que os conceitos-chave sejam retomados e repensados e, portanto o próprio ensino de Geografia, seja ele na academia, seja ele na educação escolar. Hoje vivemos um período cuja marca mais expressiva é a supremacia da técnica, da ciência e da informação, tanto na vida social, e, portanto, no espaço geográfico como um todo. Esta última componente, (a informação) é divulgada instantaneamente, pela TV, Internet, celular, em escala planetária. Isso requer que se olhe as categorias por nós manejadas: Espaço, Território, Região, Lugar e Paisagem, no sentido delas serem sempre levadas em consideração no ato de ensinar, dependendo do que se ensina. Juntem-se outras noções, como por exemplo, **redes** geográficas e **escalas** geográficas. As ações, hoje, nos espaços e territórios não se dão mais em pontos isolados, mas sim em conexão e em diferentes recortes espaciais, (SOUZA, 2006).

Dentro desse período técnico que se vive, o ensino da Geografia passa e deve perpassar a ideia de busca pela existência de indivíduos livres, autônomos e críticos. Para isso é preciso fazer com que eles entendam a sociedade em que vivem, nos seus diferentes aspectos e, o seu próprio papel dentro dela. Como fazer isso? Através do pensar e refletir os conceitos-chave que nos possibilitarão, dessa forma, termos uma compreensão científica dos processos e práticas espaciais que (re)constróem os espaços, num processo que envolve sobretudo o professor de geografia que, conforme já se expressou muito bem Freire (2000), quando afirmou que o professor deve, antes de tudo para ensinar a ciência que leciona, associar sua prática pedagógica ao arcabouço teórico-metodológico da ciência que ensina.

Aponta-se como uma preocupação inicial sobre a importância dos conceitos-chave da geografia na formação dos professores dessa ciência, o Projeto de Extensão “Pensando a Geografia e Seus Conceitos-chave”, em que se preconiza que:

A ciência geográfica possui conceitos-chave, que se constituem como base de formação teórico-metodológica. Nesse sentido, torna-se necessário ao aluno do curso de Geografia e ao profissional já graduado a clareza e entendimento desses conceitos com vistas a um ensino de qualidade. Pode-se observar uma carência no debate e na compreensão dos referidos conceitos pelos alunos [...], bem como junto aos professores que lecionam Geografia nas escolas de ensino fundamental e médio [...] (FERNANDES, 2008, p. 2).

Por fim, é preciso mencionar que as repercussões desse período se observam também na vida do professor, pois traz para o profissional docente, não somente da geografia, uma série de fatores. O irrisório salário, o desgaste físico e mental, a crise intelectual dentre outros, em um espaço de trabalho marcado na maioria das vezes pela indisciplina¹¹ escolar, que é demasiada em nossas salas de aula.

Todos esses pontos levantados permeia o ensino de Geografia, sendo pois uma necessidade refleti-los e tomá-los na forma de desafios e perspectivas para que o ensino se construa com eficácia.

4 DESAFIOS E PERSPECTIVAS: *algumas notas*

Hoje, há um convite a se buscar novas práticas e novas metodologias para dentro da sala de aula. Além de buscar, o professor, desenvolver várias funções (pai e mãe, psicólogo, amigo

¹¹ Nesse sentido, citando Leif, Haidt (2001, p. 64) afirma que o termo disciplina é comumente usado em duas acepções diversas: em relação ao ensino, *disciplina* é a [...] matéria de ensino, conteúdo ou componente curricular. Em relação ao indivíduo, *disciplina* é uma regra de conduta ou um conjunto de normas de comportamento que podem ser impostas do exterior (heterodisciplina), ou que podem ser aceitas livremente pelo indivíduo, regulando o seu comportamento (autodisciplina). (grifos da autora).

etc.), o que exige compromissos com ensino/aprendizagem¹² de qualidade, renúncia a determinadas atividades, enfim, compromissos com a educação e possibilitando construir melhores perspectivas de trabalho e ensino. Dessa forma, acredita-se que o professor de geografia, nesse período técnico-científico-informacional, precisa tomar para si algumas perspectivas e (por que não?) raros desafios para um melhor fazer pedagógico, pois “construir os referenciais básicos para a análise espacial é ter clareza epistemológica da nossa ciência. E, para saber fazer uma educação com sentido de aprender para ser sujeito da sua vida, é necessário fundamentar epistemologicamente a pedagogia” (CALLAI, 2005, p. 246). Assim sendo, a pedagogia do professor de geografia nesse contexto necessita amparar-se/fundamentar-se, dentre outras necessidades:

1) Nos **conceitos-chaves de análise da Geografia**: Espaço, Território, Região, Lugar e Paisagem, no sentido de serem levadas em consideração no entendimento das transformações que (re)configuram a organização socioespacial, acrescentando às análises do espaço complexo que aí se encontra, a noção de **redes** e **escalas** geográficas. Vive-se em uma sociedade em rede (CASTELLS, 2005) e que é multiescalar.

2) Na leitura **dos clássicos**, referentes a ciência que leciona, pois isso possibilita ver o desenvolvimento da mesma enquanto ciência social, caminhando para uma aproximação cada vez mais científica dessa ciência. Nesse sentido, C. A. F. Monteiro (1999, p. 49 e 50), citado por Napoleão (200?, p. 7), ensina que “a contribuição dos ‘clássicos’ será sempre o ponto de partida para novos avanços”.

3) Na **articulação entre os conhecimentos**, tendo em vista viver-se a especialização/fragmentação cada vez mais intensa do conhecimento nesse período técnico-científico-informacional. Assim, conforme Edgar Morin (2004, p. 107) “se a história oficial da ciência é a da disciplinaridade, uma outra história, ligada e inseparável, é a das inter-poli-transdisciplinaridades”.

4) No ser sempre **aprendiz da ciência geográfica**, pois a formação continuada como costumam chamar os colegas pedagogos possibilita ir caminhando na evolução dos processos espaço-temporais configurados pelo sistema em sua conjuntura presente. Nesse sentido, são salutares as colocações de Freire (2000), uma vez que além de tratar de questões teórico-metodológicas que podem muito nos auxiliar em sala de aula, a partir de uma introspecção, em que destaca, que não existe docência sem discência, que o processo de ensino não se caracteriza pela transmissão de conhecimentos, sendo, pois esse processo uma especificidade humana relacionada ao contexto, portanto ao qual as sociedade vivem, chama a atenção para esse desafio do professor, que é ser um eterno aprendiz de sua profissão. Assim, destaca que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 2000, p. 32).

5) Ter a noção de que não existe duas Geografias (Geografia Física e Geografia Humana). Existe sim uma unidade foco de estudo que é a relação sociedade-natureza. O que cabe é saber que existem métodos distintos para diferentes abordagens, ou seja, uma divisão na maneira de se pesquisar dentro da Geografia, cabendo, pois ao profissional dessa ciência **saber da verdadeira unidade e, portanto da verdadeira divisão que realmente existe**.

6) No **uso das possibilidades que a informação instantânea**, a qual nos bombardeia todos os instantes, **pode nos oferecer** como recurso a ser explorado em sala de aula. Assim pode-se destacar as mídias jornalísticas. Hoje são diversos os meios de comunicação imediatos propiciado pela internet, em que as informações dos acontecimentos mundiais chegam com rapidez e atinge cada vez mais um número crescente de pessoas. Informações essas presentes no cotidiano dos alunos, sobretudo daqueles do ensino fundamental e médio.

¹² Para Oliveira (2003, p. 217), “[...] ensino/aprendizagem apresenta duas faces de uma mesma moeda. É inseparável. Uma é a causa e a outra, a consequência. E vice-versa. Isso porque o ensino/aprendizagem é um processo, implica movimento, atividade, dinamismo; é um vir continuamente. Ensina-se aprendendo e aprende-se ensinando”.

Eis aí mais um desafio para o professor nesse período técnico-científico-informacional: domínio de meios de comunicação instantânea. Para ir-se além da aula expositiva/descritiva, distante, pois da realidade dos alunos, cabe ao professor de Geografia esforçar-se no sentido de trazer para o contexto em que o aluno está inserido e para a realidade conteudista que se está trabalhando em sala de aula, aquilo que está sendo apresentado por esses sistemas de informações. Isso foge um pouco da rotina da sala de aula (aulas expositivas, livro didático, exercícios etc.), tornando o conhecimento ensinado/construído, dinâmico e mais interessante ao aluno.

Chamando a atenção para “as mídias na educação”, Moran (2007, p. 1) alerta para o fato de que “os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante”. Esses objetos frutos da técnica, ciência e informação do atual contexto do espaço geográfico, “passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros”. Vale ressaltar ainda segundo esse mesmo autor que “a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica”. Nesse contexto, não somente os alunos são educados pelas mídias, mas o povo brasileiro de uma forma geral, pois “a informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos – levam a para sala de aula” (MORAN, 2007, p. 1).

Como Ciência social que é, a Geografia, não pode ser algo alheio, desligada da realidade a qual estamos inseridos e fazemos parte. Deve, pois, permitir e incentivar que, nesse contexto, o aluno possa perceber como integrante do espaço geográfico que estuda em sala de aula, onde as ações e fenômenos ocorridos resultam da vida e do trabalho que o ser humano desenvolve socialmente. No espaço escolar a Geografia tem como desafio ser uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida daqueles que se encontram reunidos para construir conhecimentos do espaço geográfico.

7) Na **(re)significação, por parte dos alunos, dos conceitos ensinados**. Para tanto, ressalta-se para o que ensina Castrogiovanni, (1999, p. 83) quando diz que “o ensino de geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transportando-as para as representações do espaço concebido”. Nesse sentido, cabe ao professor de Geografia em seu processo de ensino/aprendizagem “[...] conhecer a psicogênese das operações e representações do espaço-temporal, assim como suas questões socioespaciais”, pois “o ensino de geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações” nesse contexto que se vive. Acrescenta ainda esse mesmo autor que “o processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re)signifique tais instrumentais a partir da compreensão do particular [...]”.

Interligar as experiências concretas dos alunos aos conteúdos estudados é fundamental, pois facilita a aprendizagem. Nesse sentido, conforme já se expressou Resende *apud* Callai (2001, p. 136): “se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele” (Resende, 1986, p. 20).

5 À GUIA DE CONCLUSÃO

Do que se expôs, ficou evidente algumas das consequências do período técnico-científico-informacional, no que se refere ao ensino de Geografia, que precisam ser levada em consideração quando do ensino dessa disciplina. Nesse sentido, é preciso que se deixe de lado o fascínio pelo modismo da globalização e perceber, refletir e discutir sobre o meio geográfico em sua atual conjuntura, buscando assim, contribuir com o ensino dessa ciência é o que compete a professores e pesquisadores que se preocupam com a Geografia enquanto formadora e contribuinte de uma sociedade mais justa.

A partir dessas perspectivas e/ou fundamentações, refletir sobre o ensino de Geografia nesse período técnico-científico-informacional torna-se essencial. Constroem-se cidadãos e não deficientes cívicos, conforme nos apresentou o professor Milton Santos e cria-se a perspectiva de professores de tal conhecimento mais bem formado.

Por fim, lembra-se ainda, que esses pontos, brevemente aqui discutidos, constituem-se apenas uma tentativa de contribuição com o ensino dessa ciência e, pois muito longe de ser uma metodologia pronta e acabada, instigando para que pesquisas/trabalhos sejam feitos nesse intuito, sobretudo nos pontos colocados nos desafios e perspectivas.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Júlia Adão. Mudança técnica e espaço: uma proposta de investigação. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 239-269.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Ciências humanas e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 75 p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2008.
- CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>. Acesso em 31 de dezembro de 2009.
- _____. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, nº. 16; São Paulo: 2001. p. 133-152.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CASTRO, Iná Elias de. *Seca versus seca: novos interesses, novos territórios, novos discursos no Nordeste*. In: _____; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização?. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 81-84.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- FERNANDES, Maria José Costa. **Pensando a geografia e seus conceitos-chave**. Pau dos Ferros: Curso de Geografia. UERN, 2008. Relatório de Projeto de Extensão.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 4. ed. Editora Moraes. São Paulo, 1980.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1998.
- HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. 3. impr. São Paulo: Ática, 2001. (Série Educação).
- HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LIBÂNIO, José Carlos [et al.]. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Docência em Formação).
- MONBEIG, Pierre. **Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa**. São Paulo, 1957. Disponível em <http://www.fpp.uerj.br/tamoios/Monbeing.pdf>. Acesso em 31 de dezembro de 2009.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Na encruzilhada da crise global: velhos caminhos e novas trilhas para a Geografia no Brasil ao início do século XXI. **Revista Formação**. nº. 6; Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1999.
- MORAN, José Manuel. **As mídias na educação**, 2007. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm. Acesso em 02 de abril de 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reforma o pensamento**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NAPOLEÃO, Fábio. **O ensino de Geografia em tempos de Globalização, 200?**. Disponível em: www.ourinhos.unesp.br/gedri/biblioteca/outros/.../napoleao_01.pdf. Acesso em 02 de abril de 2011

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Educação e ensino de Geografia na Realidade Brasileira. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 8. ed. São Paulo: 2003. p. 135-144.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para aprender e ensinar geografia**. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Fundamental).

RIBEIRO, Wagner Costa. Entre Prometeu e Pandora: sociedade e natureza no início do século XXI. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Os deficientes cívicos**. In: Folha de São Paulo, Mais! São Paulo, 24/01/1999. Disponível em: <http://geocities.ws/madsonpardo/ms/folha/msf01.html>. Acesso em 31 de dezembro de 2009. (Sem Página: s. p.)

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2004.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 5ª. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009a. (Coleção Milton Santos; 1).

_____. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. (Traduc. Sandra Lencioni). 5. ed. São Paulo: Edusp, 2009b. (Coleção Milton Santos; 15).

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. Reinventando o ensino de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 331-342.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elías de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. O embate sobre as questões ambientais e sociais no urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. (orgs.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.